

Heranças infamiliars: com alguma distância e um chão debaixo dos pés

Uncanny Inheritances: With Some Distance
and Steady Ground to Stand On

Lucas Guilherme Fernandes¹ 

¹Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Email: lucasguilhermefernandes@gmail.com

RESUMO

Desde Freud, em seu célebre texto “O Infamiliar” (2019), a literatura e a psicanálise encontram-se num limiar quanto ao material de seu trabalho, ainda que operem em diferentes estratificações da vida anímica. O infamiliar remonta ao que é “há muito íntimo”, sobredeterminando os sentidos do que há tempos é familiar e, ainda, acrescentando a dimensão de um excesso, do que há em demasia e ultrapassa o pouco familiar. A partir dessa palavra-conceito freudiana, o presente trabalho busca pensar as ressonâncias entre a familiaridade e a estranheza em torno da questão da herança em três poemas de escritoras brasileiras. Para tal, sublinham-se três questões a partir do texto freudiano: a primeira é a própria língua, lugar que provoca essa cisão entre casa e estranheza, entre língua-mãe e estrangeira; a segunda, o que deriva das fontes infantis em torno do Édipo e da castração em seus desdobramentos e modulações, enfatizando a questão do duplo e sua defesa contra o aniquilamento por meio da figuração da linguagem onírica e poética; e, por fim, o fator da repetição involuntária, segundo o qual até um elemento inofensivo pode tornar-se infamiliar, impondo-nos a ideia de um inescapável destino.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Editores Associados

Marlon Barbosa
Paulo Braz
Rafaela Cardeal

Recebido: 23/02/2025

Aceito: 01/06/2025

Como citar:

FERNANDES, Lucas Guilherme.
Heranças infamiliars: com
alguma distância e um chão
debaixo dos pés. *Revista
Diadorim*, v.27, n.1, e67345, 2025.
doi: [https://doi.org/10.35520/
diadorim.2025.v27n1a67345](https://doi.org/10.35520/diadorim.2025.v27n1a67345)

Contudo, em torno da língua, do duplo e da repetição involuntária, numa leitura cruzada dos poemas “Minha primeira barata”, de Danielle Magalhães, “Herança”, de Bruna Mitrano, e “Carrie”, de Mariana Godoy, percorreremos, em suas escritas, a dimensão da repetição familiar, da qual se herda, se identifica e, muitas vezes, perdura a ideia do fatídico. Frente à inescapável repetição, interessa-nos, ainda, ler nos poemas as saídas possíveis e os procedimentos desenvolvidos contra a herança familiar, como forma de proceder uma vingança, uma distância e um outro modo de se situar, tendo um chão sob os pés.

Palavras-chave

Poesia; infamiliar; herança; psicanálise; repetição.

ABSTRACT

Since Freud, in his famous text “The Uncanny” (2019), literature and psychoanalysis have been on the threshold regarding the material of their work, even though they operate in different layers of the psychic life. The unfamiliar refers to what is “long been intimate,” in which the meanings of what has long been familiar are overdetermined and, furthermore, adds the dimension of an excess, of what is too much and surpasses the somewhat familiar. Based on this Freudian word-concept, the present work seeks to think about the resonances between familiarity and strangeness around the issue of inheritance in three poems by Brazilian writers. To do so, three issues are highlighted from the Freudian text: the first is the language itself, a place that provokes this split between home and strangeness, between mother-tongue and foreign language. Second, what derives from infantile sources around Oedipus and castration in their unfoldings and modulations, emphasizing the issue of the double and its defense against annihilation through the figuration of dreamlike and poetic language. Finally, the factor of involuntary repetition, according to which even an innocent element can become unfamiliar, imposing on us the idea of an inescapable destiny. However, around language, the double, and involuntary repetition, through a cross-reading of the poems “Minha primeira barata” by Danielle Magalhães, “Herança” by Bruna Mitrano, and “Carrie” by Mariana Godoy, we will explore in their writings the dimension of familial repetition, from which one inherits, identifies, and, many times, endures the idea of the fateful. Confronted with inescapable repetition, we are also interested in reading in the poems the possible exits and procedures developed against the family inheritance, as a way to enact revenge, distance, and another way to position oneself, still having, underfoot, some ground.

Keywords

Poetry; unfamiliar; inheritance; psychoanalysis; repetition.

As escadas são subidas de frente, pois para trás ou de lado se tornam especialmente incômodas. A atitude natural consiste em manter-se de pé, braços pensos sem esforço, cabeça erguida, embora não tanto que os olhos deixem de ver os degraus imediatamente superiores àquele em que se pisa e respirando lenta e regularmente. (...) Atingido dessa maneira o segundo degrau, basta repetir alternadamente os movimentos até chegar ao final da escada. Sai-se dela facilmente, com um leve bater de calcanhar que a fixa em seu lugar, do qual não se moverá até o momento da descida. (Cortázar, 2021, p. 382).

Subir ou descer escadas, chorar, cantar ou sentir medo; matar formigas, dar corda no relógio; são atividades que parecem estar entre as coisas que dispensam instruções e, ainda mais, um manual. Mas a literatura nos faz adentrar numa região demasiadamente incômoda, onde mesmo os hábitos mais cotidianos são inteiramente perturbados, de modo que somente podemos recuperar uma saída — não menos incômoda — ao atravessar essa escrita. Assim, perturbada a realidade de nosso mundo familiar, não podemos dispensar as instruções para subir uma escada, descer os degraus de escolas e passarelas ou matar baratas. Perturbada nossa relação com os objetos, a poesia de Mariana Godoy, (2023) Bruna Mitrano (2023) e Danielle Magalhães (2021) nos lança à estranheza de nosso mundo familiar, mas também nos permite uma saída — certamente não tão fácil quanto bater o calcanhar num chão fixo.

O infamiliar de nossa língua-mãe

Situado entre os textos da metapsicologia freudiana e a virada no dualismo pulsional, *O infamiliar* (Freud, 2019) é publicado em 1919. Neste célebre texto, literatura e psicanálise encontram-se num limiar quanto ao material de seu trabalho. Freud escreve que é raro o psicanalista sentir o impulso de realizar investigações estéticas, já que ele trabalha em outros estratos da vida anímica. Entretanto, não restringindo a estética à doutrina do belo, mas definindo-a como “a doutrina das qualidades do nosso sentir” (Freud, 2019, p. 29), Freud possibilita uma aproximação, ainda que com alguma distância, da associação entre estética e teorias do belo, e ainda, do irrepresentável ou de sua transcendência por meio das estéticas do sublime. Segundo Ernani Chaves,

ao definir estética como “teoria das qualidades do nosso sentir”, Freud aproxima a sua concepção do sentido da palavra grega *aisthesis*. Tradicionalmente, no vocabulário especializado em língua alemã, *aisthesis* remetia ora a *Empfindung*, ora a *Sinnlichkeit*, palavras que podem significar “sensação” e sensibilidade.

Ou seja, de algum modo, toda essa gama de sentidos diz respeito ao corpo e suas intensidades, ao corpo como um aparelho perceptivo, por meio do qual o mundo nos penetra. (...) Em vez disso, Freud fala do “sentir” (*Fühlen*), palavra que mobiliza não apenas o corpo, mas igualmente a região dos afetos, de várias formas e maneiras, isto é, constituindo, como ele diz, diferenciações ou ainda “qualidades” (Chaves, 2019, p. 157).

Na gramática desses afetos, dos sentidos do corpo e suas intensidades, Freud (2019) aborda os fenômenos que relembram o horror, o medo, a angústia causada pelo mundo dos fantasmas, das assombrações, dos autômatos e dos duplos: tais são os fenômenos que emergem como efeitos do infamiliar. O infamiliar remonta ao que é “há muito íntimo” e, no qual se sobredeterminam os sentidos do que há tempos é familiar e, ainda, acrescenta-se a dimensão de um excesso, do que há em demasia e ultrapassa o pouco familiar.

Sublinho, portanto, três questões a partir do texto freudiano: a primeira é a própria língua, lugar que provoca a cisão entre casa e estranheza, entre língua-mãe e estrangeira. Situando, portanto, a dimensão do desconhecido e o problema do lugar, do cômodo, do doméstico, da família, em relação ao qual não conseguimos nos situar e no qual perdemos o chão sob os pés. Sobretudo, trata-se daquilo que deveria permanecer oculto, como os segredos familiares, escondido, a uma certa distância, mas que emerge subitamente e vem à tona.

O infamiliar ou incômodo, enquanto palavra-conceito do que suscita angústia e horror, em nossa língua coincide também com aquilo que nos angustia e nos aterroriza. No espectro de nossa língua, o sentimento incômodo e infamiliar remete ao velho conhecido, ao que há muito íntimo. No sentido da língua, o próprio termo escolhido por Freud “*Das Unheimliche*” forma uma série de variações e possibilidades de solução: o estranho, o inquietante, a inquietante estranheza, o sinistro, o infamiliar e o incômodo¹ (Freud, 2019; Freud, 2021).

Devido a essa série de variações, Bárbara Cassin (2018) sinaliza o termo de Freud como fazendo parte dos intraduzíveis que apontam para a diversidade das línguas e sua relação com o impossível. Mas seu termo não aponta para nenhuma espécie de impossibilidade de tradução, “o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (Cassin, 2018, p. 17). Assim, o intraduzível funciona, ao modo do *unheimlich*, como aquilo que não cessa, mas retorna insistentemente convocando a cada aparição um novo arranjo das redes conceituais.

¹ Ao longo da realização deste artigo, destacamos principalmente duas traduções: uma, realizada por Paulo Sérgio de Souza Jr. como “O incômodo” (Freud, 2021), e outra, “O infamiliar” (Freud, 2019) traduzida por Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Ambas foram cruciais na delineação dos muitos sentidos presentes no vocábulo freudiano *unheimlich*. Optamos, em sua maior parte, pela tradução “infamiliar”, em razão da temática central deste artigo.

Falar de intraduzíveis não implica absolutamente que os termos em questão, ou as expressões, os expedientes sintáticos e gramaticais, não sejam traduzidos e não possam sê-lo – o intraduzível é antes o que não cessa de (não) traduzir. Mas isso assinala que a sua tradução, em uma língua ou em outra, causa problema, a ponto de suscitar às vezes um neologismo ou a imposição de um novo sentido para uma velha palavra: é um indício da maneira como, de uma língua à outra, tanto as palavras quanto as redes conceituais não podem ser sobrepostas (Cassin, 2018, p. 17).

De uma língua a outra, o intraduzível – enquanto fenômeno infamiliar –, revela a dimensão do impossível na língua. Outrossim, o trabalho da tradução precisa preservar “o vazio em que existe a angústia” (Lacan, 2005, p. 18) ou o impossível, enquanto se apoia nas redes conceituais que funcionam como uma forma de sustentação, semelhante as redes de proteção do equilibrista, ainda que estas redes não sejam sobrepostas.

Em *Psicologia do incômodo* (Jentsch, 2021), texto primordial que auxilia Freud na construção do conceito, Jentsch afirma que

toda língua oferece, geralmente em detalhe, na maneira como constrói as suas expressões e os seus conceitos, aquilo que é psicologicamente legítimo ou tão somente digno de nota. (...) com a palavra *unheimlich* [incômodo] a nossa língua alemã parece ter produzido uma construção bastante oportuna. Por meio dela parece sem dúvida estar expresso que, se acontece algo de “incômodo” para alguém, é porque esse alguém não se sente “em casa”, “acomodado”, na referida situação; porque a questão lhe é – ou, ao menos assim parece – estranha. Em resumo, a palavra quer sugerir que a impressão de incômodo com uma coisa ou ocorrência está atrelada a uma *falta de orientação* (Jentsch, 2021, p. 19-20, grifo do autor).

Segundo o autor, o infamiliar é caracterizado como o que é pouco familiar, ou seja, aquilo que, por não ser conhecido e familiar, torna-se aterrador. Freud (2019), por sua vez, está de acordo que a palavra alemã *unheimlich* é obviamente o oposto de *heimlich*, *heimisch* [acomodado] e *vertraut* [familiar], no qual concorda de que algo pode ser aterrador justamente por não ser conhecido e familiar. Entretanto, não considera que essa relação seja reversível: nem tudo que é novo e pouco familiar é aterrador, é necessário que se acrescente um elemento àquilo que é familiar para que se atinja essa condição. No entanto, esse acréscimo decorre daquilo que, sendo originalmente familiar e doméstico, sofre o recalçamento e, em seu retorno, emerge como infamiliar. Escreve Freud:

O infamiliar é o familiar-doméstico que sofreu um recalçamento, dele retornando, e que todo infamiliar preenche essa condição. Mas com a escolha desse material, o enigma do infamiliar não foi solucionado. Nosso princípio não suporta uma reversão. Nem tudo que nos lembra moções recalçadas de desejo e modos de pensar superados da pré-história individual e da pré-história dos povos age, por isso, como infamiliar. (Freud, 2019, p. 97).

Sob que condições, pergunta Freud, aquilo que é familiar pode se tornar incômodo e infamiliar? Sabemos bem que, ao sublinhar o termo família, isso não é algo difícil de descobrir nem de responder. A família, sabemos bem, faz parte de nossa experiência cotidiana, de nossa realidade mais próxima e, por vezes, próxima demais. Tal aproximação, entretanto, nem sempre nos permite ver o quanto de realidade ela encobre, como nos lembra Lévi-Strauss². Mas, ainda, o que se encobre não é uma experiência tão distante de nossa realidade, trata-se daquelas “coisas de família” que “ninguém quis ver”, e sobre as quais nada se quer saber, ainda que a poesia de Bruna Mitrano (2023, p. 35) nos convoque a este lugar.

O infamiliar situa o problema do lugar, do cômodo, do doméstico e daquilo que emerge quando sentimos que não conseguimos nos situar ou nos orientar, como se não tivéssemos o chão sob os pés. O infamiliar não aponta simplesmente para o que não se conhece ou não se sabe, mas sim para aquilo que não se quer saber. Neste não querer ver, não querer saber, situamo-nos – nesse segundo ponto acerca do infamiliar – nas fontes infantis que derivam do Édipo e da castração em seus desdobramentos e modulações familiares.

Sob o mote do conto de Hoffman, o “Homem de Areia”, Freud (2019) enfatiza aquilo que emerge da castração: os olhos aterrorizantes, o duplo e sua defesa contra o aniquilamento por meio da figuração da linguagem onírica e poética. O conto de Hoffman desempenha com êxito essa manobra psicológica em suas peças fantásticas. Freud destaca dois elementos infamiliars no conto: primeiro, o episódio de Olímpia, o autômato, superestimada amorosamente, que aponta o efeito infamiliar que emerge dos objetos inanimados; o segundo, a presença do Homem da Areia, que arranca das crianças, após despejar areia, seus olhos. Hoffman, em sua escrita, produz inicialmente em nós uma espécie de insegurança, de modo proposital. Escreve Freud:

O infamiliar da ficção – da fantasia, da criação literária – merece, de fato, uma consideração à parte. Ele é, sobretudo, muito mais rico do que o infamiliar das vivências. Ele não só o abrange na sua totalidade, como é também aquele que não aparece sob as condições do vivido.

² “Tão clara parece a palavra, tão próxima da experiência cotidiana a realidade que ela encobre, que o que se diz sobre a família não deveria constituir mistério. No entanto, os etnólogos descobrem a complicação até nas coisas familiares” (Lévi-Strauss, 1983, p. 69).

(...) O resultado paradoxal que ressoa aqui é que na criação literária não é infamiliar muito daquilo que o seria se ocorresse na vida e que na criação literária existem muitas possibilidades de atingir efeitos do infamiliar que não se aplicam à vida (Freud, 2019, p. 107).

O século XIX é marcado pela aceleração da tecnologia óptica, com a invenção da fotografia e, no seu final, do cinema. Nesse contexto, o mundo dos duplos e das aparições fantasmagóricas, emergindo nesse período a partir do funcionamento da câmera fotográfica ou da projeção da tela do cinema, passa a explorar infinitamente a figura dos mortos-vivos, zumbis, vampiros e fantasmas. Estamos diante de um mundo em que o duplo, como desta Chaves,

antes restrito às aparições fantasmagóricas, passará em breve a se tornar “real” pela duplicação própria às imagens fixas da fotografia e àquelas em movimento do cinema. (...) se esses novos instrumentos ópticos são capazes de nos devolver outra imagem da realidade, isto não quer dizer que essa devolução seja isenta de sombras e obscuridades (Chaves, 2019, p. 161).

E por fim, neste último aspecto do infamiliar, encontramos o fator da repetição involuntária, segundo o qual até um elemento inofensivo – degraus, passarelas e baratas – pode tornar-se aterrador, quando se impõe a ideia de um inescapável destino. Este elemento inofensivo é exatamente aquele que, na escrita poética, “promove uma descontinuidade no encadeamento lógico-causal de uma narrativa, e se vê representado sobremaneira por um evento que não se pode deduzir do cenário ou contexto em que se produz” (Rocha; Ianini, 2019, p. 185). De modo que, o elemento inofensivo através do cenário e contexto em que se produz, transforma-se num elemento “mágico”, suprassensível que irrompe com o sentimento do infamiliar. A partir dessa palavra-conceito, este trabalho busca pensar as ressonâncias entre a familiaridade e a estranheza em torno da questão da herança, em três poemas das escritoras Mariana Godoy (2023), Bruna Mitrano (2023) e Danielle Magalhães (2021).

O fatídico inescapável do infamiliar

Os mistérios e segredos, tão fundamentais no que se vela entre os personagens familiares, de geração em geração, não precisam esperar pelos etnólogos para que se descubra como as coisas familiares podem ser complicadas. O infamiliar ultrapassa a dimensão do binômio familiar e infamiliar, e acrescenta algo em seu lugar – mas o que exatamente se acrescenta? O que há de muito íntimo, afirma Freud, remontando ao que há tempos é familiar, mas também ao que há de excesso familiar: há um íntimo que excede e provoca uma aproximação sem distância alguma.

Tomando a definição de Schelling, Freud (2019, p. 45) afirma que o infamiliar é tudo aquilo que deveria permanecer em segredo, dissimulado, escondido, mas que vem à tona. Por trás da imagem habitual e familiar, cômoda, que processos podem estar dissimulados, encobertos, em segredo?

Para pensar esse lugar da família, como dimensão do infamiliar, retomo, no fio de Jentsch (2021) e Freud (2019), os efeitos infamiliars por meio de narrativas, da literatura e, mais especificamente, da poesia. Segundo Freud (2019), a criação literária merece uma consideração à parte, pois é um lugar rico em vivências infamiliars e permite alcançar efeitos que não se aplicam diretamente à vida. Por outro lado, nossa literatura – e, mais ainda, nossa poesia contemporânea – também pode escrever outras presenças infamiliars, sob formas menos hoffinianas, mas nem por isso menos aterradoras. Essas formas românticas do infamiliar não desaparecem de nosso mundo midiático e fascinado pelas imagens, mas evocam outros modos de presença. Essa presença escreve sua aparição na poesia de Mariana Godoy.

Em seu livro *Holograma* (Godoy, 2021), a poeta escreve o infamiliar que emerge em outra forma temporal, aquela em que, após a perda do pai, conta-se “os aniversários/os anos como morto” (Godoy, 2023, p. 11). Ou ainda, o sentimento infamiliar que emerge em um lapso de leitura, enunciado já no título do poema: “*ato falho english version*”. Após a perda do pai, ao ler um poema em inglês, a poeta se equivoca e pronuncia “*daddy*” (pai), no lugar da palavra escrita “*dead*” (morto): “leio [...] um poema da norte-americana ursula k. le guin/ (...) é um poema sobre ver um ente querido na rua/ mas perceber que só pode ser outra pessoa”, “quando chego na palavra *dead*/acabo falando *daddy*” (Godoy, 2023, p. 12).

O holograma, os retratos-fantasma do pai – como o *ghost* hamletiano – emergem ali, provocando confusão tanto em relação à língua quanto às pessoas na rua. Como ressalta Freud:

o mais elevado grau do infamiliar aparece associado à morte, a cadáveres e ao retorno dos mortos, a espíritos e fantasmas. Já ouvindo que em muitas línguas existe a expressão uma casa infamiliar, cujo significado não nos poderia ser restituído a não ser reformulando-o: uma casa mal assombrada (Freud, 2019, p. 87).

Evocando essas figuras românticas do terror cinematográfico, Mariana Godoy (2023, p. 13) escreve sobre *Carrie*, que em nossa língua já se associa a outro significante, ausente no texto original, “a estranha”. O poema, evocando a duplicação de imagens e sombras, constrói uma outra dupla que, enquanto aparição repentina, se manifesta numa aparição perturbadora.

carrie

no ano de 1993

a minha mãe trabalhou como professora

na escola ondina rivera miranda cintra

e escorregou na escadaria principal

perdendo o processo de uma gestação

se naquele ano de 1993

a minha mãe não tivesse escorregado

o meu irmão teria nascido

ou a minha irmã

mas não seriam o meu irmão ou a minha irmã

porque se a minha mãe não tivesse escorregado

teria feito a cirurgia para evitar a terceira gestação

a terceira gestação da minha mãe sou eu

no ano de 2007

fui estudar na escola ondina rivera miranda cintra

e foi naquela escadaria que percebi

que é muito fácil cair quando prestamos atenção

ao movimento dos pés

enquanto descemos as escadas (Godoy, 2023, p. 13).

Freud (2019) atenta-se a esse efeito infamiliar quando, diante da repetição, atribui-se obstinadamente um significado secreto, como alusão a uma outra época da vida. Esse caráter infamiliar só pode ser explicado ao se conceber que “o duplo é uma formação da mesma família dos processos anímicos superados dos tempos primevos, os quais tiveram, em todo caso, naquela época, um sentido amigável” (Freud, 2019, p. 73). É ali, sob os próprios pés, que emerge a dimensão infamiliar da narrativa da mãe, nas mesmas escadas da “escola ondina rivera miranda cintra”.

Esse sentimento infamiliar, sob certas condições e em determinadas circunstâncias, é evocado e remete a situações de desamparo. Segundo Freud:

No inconsciente anímico, é possível, de fato, reconhecer-se o domínio de uma incessante compulsão à repetição das moções pulsionais, a qual, provavelmente, depende da mais íntima natureza das pulsões, e que é suficientemente forte para se impor ao princípio de prazer, conferindo um caráter demoníaco a certos aspectos da vida anímica, algo que ainda expressa claramente nas aspirações da criança e que domina uma parte do decurso da psicanálise dos neuróticos. (...) compulsão interna à repetição pode ser sentido como infamiliar. (Freud, 2019, p. 79).

A repetição involuntária, então, emerge até mesmo sob forma inofensiva e se torna infamiliar, impondo-nos a ideia do fatídico, do inescapável – onde antes poderíamos falar simplesmente de acaso. Freud (2019, p. 111) destaca que a repetição involuntária é outro modo de aparição infamiliar, que revela “o caráter nefasto da repetição do que é semelhante, combinado com a sensação de desarvoramento que certos sonhos induzem”.

O fator da repetição do mesmo é tomado como fonte do sentimento infamiliar, mesmo quando não é reconhecido. Na repetição involuntária, circunstâncias que poderiam ser consideradas meras casualidades, adquirem uma conotação funesta, como a de um mensageiro da morte para o sujeito. Essa perturbadora aparição repentina do duplo “se converte, então, num mensageiro da morte, pois sua manifestação prenuncia o ocaso do sujeito” (Freud, 2019, p. 122).

Ao fixar o olhar no movimento dos pés, a filha, ao descer os mesmos degraus outrora percorridos pela mãe na “escola ondina rivera miranda cintra”, reinscreve ali a história de uma familiaridade inquietante, em que o gesto aparentemente banal de observar os próprios passos pode conduzir ao limiar do ocaso. A queda abrupta que, no corpo da mãe, deu lugar ao nascimento da filha - a própria escritora - durante a terceira gestação, carrega agora um paradoxo: aquilo que antes gerou vida ameaça, no presente, assombrada pela possibilidade da morte. Para a escritora, as escadas delineiam um espaço-limite - lugar ambíguo onde o familiar toca o infamiliar, e onde a oscilação entre a existência e a inexistência, entre a vida e a morte, se torna tangível. Um estranho entrelaçamento de tempos e destinos, onde o tropeço materno, somado ao deslocamento e à queda, tornou-se condição de possibilidade para o nascimento da filha. Contudo, assombrada pelo fantasma da mãe e da morte – o peso do infamiliar –, escorregar pelos mesmos degraus pode conduzir sua própria travessia rumo a um desfecho inescapável.

Ali, nos degraus da escada, torna-se necessária uma distância que, como na poesia de Danielle Magalhães, “não faça da identificação/ uma herança” (Magalhães, 2021, p. 33). Portanto, contra essa herança familiar, impõe-se um procedimento – uma distância – que não leve o sujeito, simplesmente, a um não querer saber, que o faça retornar ao mesmo lugar. Como conta Freud em sua experiência na cidade italiana, neste breve acontecimento:

certa vez, em uma quente tarde de verão, quando eu caminhava a esmo pelas ruas desconhecidas e vazias de uma pequena cidade italiana, e acabei numa região cujas características não me deixaram por muito tempo em dúvida. À minha vista, havia apenas mulheres maquiadas nas janelas das pequenas casas, e *me apressei para abandonar a estreita rua na primeira esquina*. Mas, depois de um tempo em que vaguei sem direção, *encontrei-me subitamente, de novo na mesma rua*, onde então, levantei os olhos e chamou-me atenção que meu apressado afastamento teve como consequência ter tomado, pela terceira vez, um novo desvio. Contudo, então experimentei um sentimento que eu poderia apenas caracterizar como sendo da ordem do infamiliar; fiquei feliz por ter renunciado a fazer outras descobertas nessa viagem quando, rapidamente, já estava de volta à *piazza* de onde havia saído (Freud, 2019, p. 75, grifo nosso).

O apressado afastamento freudiano não o conduziu a um novo lugar, mas apenas a um desvio que o levou a repetição do mesmo. Esse sentimento infamiliar, que perturba o movimento e a ação dos pés, e que faz retornar involuntariamente ao mesmo lugar, pode ser encontrado também na poesia de Bruna Mitrano. Nesse andar pela rua estreita da cidade italiana, pelas escadas da “escola ondina tivera cintra” ou, ainda, pelas passarelas, faz emergir um sentimento infamiliar. No vão entre os degraus, entre os passos, entre os vãos, a angústia emerge como *unheimlich*.

Mas, diante do infamiliar – mais do que pela fuga –, a poesia de Bruna Mitrano (2023, p. 42) nos mostra um outro procedimento possível contra essa herança e a repetição do mesmo. Não se trata de desviar pelas ruas para retornar ao mesmo lugar, é preciso andar pelas passarelas, com olhar fixo para frente, e lembrar que ainda se tem um chão sob os pés.

herança

meu tio conta que certa vez

meu avô convulsionou atravessando a passarela e

rolou pela escada

ele vendia frutas num carrinho de mão

imagino maçãs e laranjas quicando nos degraus sem
esperar pelo corpo do meu avô
se debatendo em queda
dando com a cabeça em bocéis
inconsciente das perdas e das partes quebradas

igual a você
meu tio diz

igual a mim
que herdei a epilepsia
de um homem que não conheci

e o medo de atravessar passarelas.

contra este último
desenvolvi uma espécie de procedimento

olhar fixo pra frente
dar passos grandes e
lembrar que ainda
tenho um chão debaixo dos pés (Mitrano, 2023, p. 42-3).

Ao falar do infamiliar, Freud (2019, p. 29) escreve ainda sobre essa gama de sentidos que “diz respeito ao corpo e suas intensidades, ao corpo como um aparelho perceptivo, por meio do qual o mundo nos penetra”. A esse estranho sentimento que mobiliza o corpo, Freud situa, no infamiliar da epilepsia, uma estranha origem: o sujeito, diante de si e do movimento que toma seu corpo, não imaginava a expressão das forças que o tomam.

No poema, a epilepsia não traduz apenas a infamiliar presença que pode tomar o corpo ao atravessar passarelas. Bruna Mitrano (2023, p. 92) escreve sobre essa herança infamiliar que “não deixa bens” e que “o cartório de registro civil não reconhece/ o que dela herdei”. Essa herança – a epilepsia – evoca, junto ao tio, a identificação com o avô que ela não conheceu e o medo de atravessar passarelas. Diante disso, a poeta escreve um procedimento que permite estabelecer uma distância da identificação que pode provocar sua queda: “olhar fixo para frente/dar passos grandes e/ lembrar que ainda/tenho um chão debaixo dos pés” (Mitrano, 2023, p. 43).

Esse procedimento, ao instaurar uma distância em relação à identificação com o objeto, aponta para uma direção oposta àquela observada no caso da paciente de Freud (2016). Diante do olhar do pai, em seu momento maior de embaraço, a jovem homossexual, identificada ao lugar do objeto, atravessa a pequena barreira que a separa do canal em que passa o bondinho semissubterrâneo (Freud, 2016). Na maciça identificação, a jovem homossexual, ao passar ao ato, é deixada cair, um *laissez tomber*, o largar de mão quando esse objeto surge entre andares, entre degraus de escola ou da passarela, obstruindo a distância necessária ao desejo deste Outro familiar. Ali, onde o infamiliar emerge, perturba os pilares e corrimãos que deveriam impedir a queda.

No poema, o procedimento da poeta escreve essa distância – uma distância que não faz da identificação uma herança, mas antes, permite uma hiância entre o significativo que vem do Outro e o lugar no qual emerge o objeto como *unheimlich*; uma distância que a permite continuar andando sobre as passarelas, com o olhar fixo à frente.

Com alguma distância: da distância familiar à distância opaca

Em seu décimo seminário, com o intuito de pensar o lugar da angústia na obra freudiana e na clínica psicanalítica, Lacan (2005) não a aborda somente a partir da tríade conceitual freudiana inibição, sintoma e angústia, mas, sobretudo, como efeito de *unheimlich*, do infamiliar, fazendo emergir ali o que considerou como sua única invenção: o objeto *a*. A angústia, para Lacan, não é simplesmente o efeito de uma expectativa que impõe certo peso sobre o eu, tampouco se limita à dimensão de espera, de expectativa ou preocupação na qual se encontra o tema da angústia na filosofia existencialista.

Ao adentrar a questão da angústia, emergem as metáforas do salto, da rede de significantes e da própria angústia como um objeto que se tenta capturar com a malha - algo que, paradoxalmente, escapa por entre os fios ao mesmo tempo em que permanece enredado neles. É nesse contexto que Lacan (2005, p. 22) destaca que os três termos freudianos - inibição, sintoma e angústia - não se situam no mesmo nível estrutural.

Ele os dispõe, metaforicamente, em três linhas desniveladas, como degraus de uma escada. Nesse arranjo, ao destacar a inibição, evidencia a dimensão do movimento e de seu impedimento, especialmente no que se refere à locomoção.

No quadro proposto por Lacan (2005, p. 22), nas “casas deste quadrinho”, pode-se observar que, em sua rede de termos freudianos, os significantes referenciais desses degraus são também um modo de manejar a angústia enquanto presença infamiliar. Para pensar o efeito infamiliar da angústia – e para não ser tomado por esse efeito, que perturba os pés e pode levar à queda –, Lacan constrói uma rede, tal como a rede de proteção do equilibrista, para manter-se seguro, a uma certa distância do chão.

A referência à angústia, em Lacan, está marcada por uma noção de distância, ao mesmo tempo, familiar e opaca. Essa distância se manifesta de forma privilegiada na opacidade entre os dois andares do grafo do desejo³. Entre esses dois andares - que organizam a relação do sujeito com o significante - Lacan destaca uma chave fundamental para a constituição da subjetividade: a interrogação: *Che vuoi?* O que queres? O que ele quer de mim? O que quer ele a respeito deste lugar que ocupo como eu? Trata-se de uma pergunta que permanece em suspensão entre os dois andares do grafo, marcando uma fenda inaugural no percurso do sujeito. Lacan (2005, p. 17) interroga, portanto:

A que distância colocar a angústia para lhes falar dela, sem pô-la imediatamente no armário e sem tampouco deixá-la na imprecisão? Ora, meu Deus, à distância certa, ou seja, àquela que não nos coloca perto demais de ninguém, à distância familiar que lhes evoquei.

Entre as passarelas e entre os diferentes andares da escada, essa pergunta em suspenso - *Che vuoi?* - traça um intervalo crucial que permite distinguir o ponto de articulação entre o desejo do Outro e a identificação narcísica. Trata-se de uma distância estrutural, homóloga àquela que tensiona o sujeito entre o enigma do desejo e a imagem de si. É precisamente essa mesma distância que reencontramos no poema de Danielle Magalhães (2021, p. 33), onde a linguagem poética permite captar, de modo sutil, o descompasso entre a identificação narcísica e a relação com o desejo:

³ O grafo do desejo é um recurso utilizado por Lacan a fim de demonstrar a posição topológica dos elementos e de suas relações. Ele é constituído por duas linhas horizontais – dois andares –, ligados por algumas linhas verticais e curvas que representam as relações entre os elementos. São quatro pontos de entrecruzamento, ou seja, quatro vértices e os lados, arestas, que os relacionam; a posição dos dois pontos de entrecruzamento do andar superior é homóloga à posição dos dois pontos no andar inferior (Eidelsztein, 2018). O lugar do sujeito do desejo é o intervalo entre as duas linhas, os dois andares do grafo. Para Lacan, “É nesse intervalo que se produz o que se denomina desejo. Por isso é que, na dupla inscrição do grafo, ele encontra seu lugar em algum lugar na parte superior” (2016, p. 191). E ainda, no seminário 10: “O ponto de articulação dos dois andares do grafo, na medida em que eles estruturam a relação do sujeito com o significante, [...] deve ser a chave do que a doutrina freudiana introduz sobre a subjetividade: *Che vuoi?* Que queres? [...] A pergunta fica em suspensão entre os andares, e precisamente entre as duas vias de retorno que designam em cada um o efeito característico. A distância entre elas, e que estará no princípio de tudo que percorreremos, torna homólogas e distintas, ao mesmo tempo, a relação com o desejo e a identificação narcísica” (Lacan, 2005, p. 14-5).

minha primeira barata

muita coisa mudou na minha vida
desde que eu matei a primeira barata
não que minha conta bancária tenha saído do vermelho
mas é como se eu tivesse virado no samurai
em situações mínimas da vida
certamente virei no samurai
quando matei a primeira barata
acho que a barata morreu de grito
porque o meu grito era mais forte que a minha mão
lançando o tênis contra a barata
com o tempo finalmente me convenci
de que sou mais alta que a barata
e fui parando de gritar
desde que eu matei a primeira barata
eu percebi que eu podia estar próxima da minha mãe
mas com alguma distância
com alguma distância que não fizesse da identificação
uma herança
que eu teria que carregar
por muito tempo sem saber que
matar a barata não seria matar minha mãe
mas matar um pouco do que me unia a ela
através do compartilhamento da fobia
desde então matar a barata foi poder
estar mais próxima da minha mãe
sem que a fobia fosse o laço
desde então matar a barata foi poder
matar um pouco a fobia da minha mãe
não permitir que ela perdurasse

de geração para geração
de mãe para filha
- porque medo de barata é coisa de mulher –
desde então matar a barata foi poder
matar um pouco
os homens
que vinculam mulher e barata
desde então matar a barata foi poder
libertar um pouco
minha mãe
sem ela saber
que todas as vezes que eu mato uma barata
eu sinto aquele gostinho feliz de vingança e digo baixinho
mãe
consegui
a cada barata que eu mato eu penso
mais uma vez
vinguei minha mãe
(Magalhães, 2021, p. 33-4)

A identificação é a manifestação mais antiga de um laço com o outro. Segundo Freud (2020), identificar-se é desejar tomar o lugar do outro. Mas a questão que ressoa é: o que significa tomar o lugar do outro? Assim, um ideal, pelo amor ou pelo ódio, um sintoma, uma fobia ou ainda um traço do outro, serve como suporte ao Eu para que ele não desabe. No poema de Danielle Magalhães (2021), a filha compartilha do mesmo sofrimento torturante da mãe – a fobia de barata – que, metonimicamente, desliza e se estende para a fobia de tantas outras mulheres, e, principalmente para o medo dos homens que vinculam mulher e barata. Mãe e filha compartilham essa fobia que, enquanto herança, “o cartório de registro civil não reconhece” (Mitrano, 2023, p. 92).

A herança, escreve Derrida, responde a uma dupla injunção: por um lado, reafirma o que vem antes de nós, aquilo que recebemos antes mesmo de escolher, ou seja, a herança recebida (Derrida; Roudinesco, 2004). Essa dimensão parece constituir uma contradição entre “a passividade da recepção e a decisão de dizer sim”

(Derrida; Roudinesco, 2004, p. 13), já que a herança é exatamente o que não se pode escolher. Ao mesmo tempo, ao reafirmar o que vem antes, como uma herança familiar, pode-se relançá-la numa outra forma de mantê-la viva.

No poema de Danielle Magalhães (2021), a herança fóbica da barata, laço que a elege violentamente, reafirma a identificação com a mãe, mas, sobretudo, para manter-se fiel a essa assinatura, o poema interpreta, transforma e relança essa herança. Assim, a fobia de barata produz uma nova seriedade, não mais como o conjunto das baratas suscita a fobia, mas como uma nova série: dali emerge um ponto zero, que inicia a série da primeira barata que foi possível matar. Como designa Derrida, trata-se da “necessidade de ser fiel à herança a fim de reinterpretá-la e reafirmá-la ao infinito” (Derrida; Roudinesco, 2004, p. 14).

É sempre afirmando a herança que se pode evitar essa condenação à morte. Inclusive no momento em que – e é a outra vertente da dupla injunção – essa mesma herança ordena, para salvar a vida (em seu tempo finito), que se reinterprete, critique, desloque, isto é, que se intervenha ativamente para que tenha lugar uma transformação digna desse nome: para que alguma coisa aconteça, um acontecimento, da história, do imprevisível por-vir (Derrida, Roudinesco, 2004, p. 13).

Esse “salvar a vida”, ressalta Derrida, não consiste em simplesmente preservar ou deixar a salvo, mas em instaurar uma outra temporalidade, sem a ilusão de uma salvação definitiva (Derrida; Roudinesco, 2004, p. 13). Essa barata – a primeira de muitas outras que não foi possível matar, que, com seus voos rasantes ou pelo surgimento em cantos escuros, continuou a perturbar e se alastrar pelas tranquilidades dos cômodos, a aterrorizar os moradores da casa – é aquela que talvez tenha morrido mais pelo grito do que pela força da mão/mãe.

Com alguma distância, sem assumir a identificação como um fatídico e inescapável, o laço com a mãe é reafirmado, relançado, e salvo de um destino temeroso. Ali, onde emerge a dimensão infamiliar do estranhamento neste laço tão originário, o poema, como procedimento de escrita, relança e transforma a identificação mortífera num modo de vingar⁴, de prosseguir existindo mais próximo do laço familiar, sem perder repentinamente o chão fixo sob os pés.

⁴ Evoco aqui o título do livro de Danielle Magalhães (2021), *Vingar*.

Considerações finais

Em torno da língua, do duplo e da repetição involuntária, percorremos nas escritas poéticas, a dimensão da repetição familiar - da qual se herda, com a qual se identifica - e que, por muitas vezes perdura na ideia do fatídico. A literatura, ao nos fazer adentrar a região incômoda da escrita, provoca-nos um vértice paradoxal que perturba a realidade de nosso mundo familiar e, ao mesmo tempo, nos oferece a possibilidade de uma saída diante das questões mais aterradoras. A poesia de Mariana Godoy (2023), Bruna Mitrano (2023) e Danielle Magalhães (2021) lança-nos à estranheza de nosso mundo familiar, mas nos permite recuperar uma saída – ainda que não menos incômoda.

Portanto, de que modo podemos lidar com a presença infamiliar que emerge entre as ruas estreitas da cidade italiana, os andares da escola *ondina rivera miranda cintra*, as maçãs e laranjas quicando nos degraus das passarelas; os degraus da inibição, sintoma e angústia; como questão pungente entre andares do grafo; ou ainda num laço fóbico de baratas? De que modo podemos falar do que é infamiliar? Com alguma distância, escreve Danielle Magalhães (2021), e Lacan (2005) a subscrive. Uma certa distância, que não nos coloque perto demais de ninguém; uma distância familiar, porém opaca, que reafirma e transforma o que vem antes de nós.

Assim, frente à inescapável repetição, nesse lugar da herança familiar que vem perguntar a respeito deste lugar do eu – e onde pode emergir o efeito angustiante do infamiliar, como fantasma, holograma ou mesmo herança –, a poesia de Mariana Godoy (2023), Bruna Mitrano (2023) e Danielle Magalhães (2021) nos mostra que é possível um procedimento que instaura uma distância: mais opaca, mas ainda assim capaz de servir como rede de proteção frente à angústia. Uma rede que impede a queda ou mesmo “perder-se em algo que parece plano” (Chaves, 2019, p. 153). Um procedimento – como a própria escrita – que permite uma vingança, uma distância, e um outro modo de se situar, tendo ainda, sob os pés, um chão.

Referências

- CASSIN, B. *Dicionário dos intraduzíveis: volume um, línguas*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- CHAVES, E. Perder-se em algo que parece plano. In: FREUD, S. *O infamiliar*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2019. p. 153-172.

- CORTÁZAR, J. *Histórias de cronópios e de famas*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- DERRIDA, J.; ROUDINESCO, É. *De que amanhã...Diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- EIDELSZTEIN, A. *Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan*. São Paulo: Toro Editora, 2018.
- FREUD, S. Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). In: FREUD, S. *Neurose, psicose, perversão*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2016. p. 157-192.
- FREUD, S. *O infamiliar*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2019. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, S. *O mal-estar na cultura e outros escritos*. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. (Obras incompletas de Sigmund Freud). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020, p. 137-232.
- FREUD, S. *O incômodo*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. (Série Pequena Biblioteca Invulgar).
- GODOY, M. *Holograma*. São Paulo: Círculo de poemas, 2023.
- MAGALHÃES, D. *Vingar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021.
- JENTSCH, E. Psicologia do incômodo. In: FREUD, S. *O incômodo* (1919). Tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021. p.15-42. (Série Pequena Biblioteca Invulgar).
- LACAN, J. *O seminário: o desejo e sua interpretação*. Tradução de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. v.6.
- LACAN, J. *O seminário: a angústia*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. v.10.
- LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: LÉVI-STRAUSS, C. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 69-98.
- MITRANO, B. *Ninguém quis ver*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- ROCHA, G.; IANINI, G. O infamiliar, mais além do sublime. In: FREUD, S. *O infamiliar*. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica Editora: 2019. p. 173-198.